

CONTRIBUIÇÕES DO SUBPROJETO MEDIADORES DE LEITURA E TEXTO EM PROCESSO DE (AUTO) FORMAÇÃO DO PIBID PARA A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA PELA CRIANÇA

Francisca Thais Pereira Costa
Graduanda do curso de pedagogia- CAMEM/UERN
E-mail: tatahpedagogia@outlook.com

Ana Digna Nogueira Marques
Graduanda do curso de pedagogia- CAMEM/UERN
E-mail: dignaana27@gmail.com

Maria Edneide de Souza Bezerra
Graduanda do curso de pedagogia- CAMEM/UERN
E-mail: edneidesouza10@outlook.com

Francicleide Cesário de Oliveira Fontes
Professora do Curso de Pedagogia, Departamento de Educação- DE/CAMEAM/UERN
E-mail: fran.cesario@hotmail.com

RESUMO: Muitos estudos apontam que o gosto pela leitura deve ser desenvolvido na vida da criança desde os seus primeiros anos de vida, já que a literatura pode ser vista como uma agente de formação intelectual, moral e social do ser humano. Diante de tal influência que a literatura exerce na formação dos indivíduos, o presente trabalho procura tecer uma discussão sobre a importância da literatura infantil, com ênfase na mediação de histórias, para a aquisição da leitura e escrita pela criança. Assim, objetiva analisar a importância do subprojeto “Mediadores de leitura e texto em processo de (auto) formação” do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação à Docência (PIBID), para a construção da escrita e da leitura pelos discentes que são atendidos pelo programa. Para tal desiderato, serão coletadas escritas espontâneas dessas crianças que serão analisadas a luz de teorias que discutem sobre o tema, para em seguida refletirmos acerca das contribuições do referido subprojeto, que tem como intuito desenvolver o gosto pela leitura infantil desde os primeiros anos do ensino fundamental, para a construção do Sistema de Escrita Alfabética pela criança. A partir desse estudo conclui-se que houve uma evolução significativa na construção da escrita das crianças sujeitas da pesquisa, de tal modo que, se faz relevante destacar a leitura e mediação de histórias realizadas através do subprojeto como fatores que desempenham importante papel nos processos de construção da escrita pela criança e na formação de futuros leitores.

Palavras-chave: Leitura e escrita, Alfabetização, Mediação de histórias.

INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, o Brasil ainda é marcado por altas taxas de analfabetismo, frutos historicamente, de uma conquista tardia do direito à educação. A alfabetização configura-se como um dos maiores desafios do professor, uma vez que, na sociedade em que vivemos se faz necessário alfabetizar de forma que a criança não se aproprie apenas de um código escrito, mas também desenvolva habilidades para o uso da leitura e da escrita em práticas sociais. Diante deste quadro,

Morais (2012) afirma que é necessário que exista um ensino voltado para uma alfabetização mais eficiente, afim de reduzir as desigualdades sociais tão acentuadas em nosso país.

Sabemos do forte impacto e da fascinação que as histórias infantis exercem sobre a criança em qualquer faixa etária. O ato de contar histórias na escola pode ser visto, muitas vezes, apenas como um passatempo dentro das quatro paredes de uma sala de aula, entretanto, um dos benefícios que tal hábito traz para o aprendizado da criança pode ser ilustrado pelas suas contribuições para que ela possa ir construindo seu conhecimento sobre a linguagem escrita.

Devido a vários fatores, muitas crianças só tem o primeiro contato com a leitura quando chegam à escola, e cabe a esta instituição buscar fazer com que este objeto, até então distante do contexto social dessa criança não se torne algo obrigatório para ela, mas sim prazeroso.

Partindo desse princípio, o presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância do subprojeto “Mediadores de leitura e texto em processo de (auto) formação” do Programa Institucional de Bolsas para Iniciação à Docência (PIBID) do Campus Avançado Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia CAMEAM/UERN, para o processo de construção da língua escrita pela criança.

Diante disso, faremos uma discussão inicial abordando sobre a forte relevância que a literatura infantil cumpre para o processo de alfabetização por parte da criança. Para tal estudo, realizaremos uma pesquisa de campo, vez que, teremos o contato com 2 crianças de uma turma de primeiro ano do ensino fundamental que recebe o atendimento dos bolsistas do PIBID e que serão sujeitas da pesquisa, em que faremos uma análise da escrita espontânea de ambas, identificando as fases/níveis de suas escritas, considerando os pressupostos teóricos de Ferreiro (2001), a fim de estabelecermos uma comparação entre suas escritas iniciais e finais, antes e depois dessas crianças serem atendidas pelo subprojeto de mediação de leitura do PIBID.

Além disso, nos apoiaremos também nas ideias defendidas por Abramovich (1997), Aguiar & Bordini (1993), Moraes (2012), Zilberman (2009), Kato (1997), dentre outros autores que trazem contribuições para a discussão deste assunto.

O PAPEL RELEVANTE DAS HISTÓRIAS INFANTIS PARA A AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

A valorização da literatura infantil como instrumento que contribui para a aprendizagem da criança não é algo antigo, pois durante várias épocas ela era tratada como um estilo literário menos

valorizado por ser elaborada justamente para o público infantil, sendo relacionada a ideia de brinquedo que tinha a função de manter a criança entretida.

A partir do século XVIII, a leitura passa a ser vista como uma atividade prioritária dentro dos muros da escola, dada a sua importância para a formação do cidadão e para o funcionamento da sociedade. Assim, a leitura ocuparia agora “[...] o primeiro plano, em detrimento de outras modalidades de percepção e representação da realidade, vindo a funcionar como a porta de entrada do jovem ao universo do conhecimento” (ZILBERMAN, 2009).

Para Aguiar & Bordini (1993):

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada [...]. (AGUIAR & BORDINI, 1993. p. 14).

Diante deste reconhecimento da importância da leitura para a convivência do ser humano em sociedade, dar-se-á também, a importância da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois esta literatura abre portas para o universo da imaginação, incentivando a criança desde muito cedo a praticar a leitura prazerosa.

A literatura infantil pode ser usada como ferramenta pedagógica para ser trabalhada de diferentes formas em cada fase ou faixa etária em que a criança se encontra, pois, a ato de ler histórias para o aluno, além de ser fonte de lazer, é também uma forma de ajudar a criança a desenvolver sua escrita e a própria leitura, em virtude de que ela não aprende a escrever apenas quando o professor vai ao quadro para lhe ensinar, mas é por meio da contação de histórias infantis, que a criança entende que a escrita também funciona como um meio de comunicação, contribuindo para a formação de uma sociedade com cidadãos leitores. Dessa forma, a escrita não deve ser vista como um código em que o aluno precisa decorar símbolos para conseguir escrever e se comunicar, mas sim como um sistema notacional, isto é, que para se apropriar do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), o aluno precisa compreender como ele funciona e aprender suas convenções (MORAIS, 2012), e a leitura e mediação de histórias podem vir a contribuir de forma significativa para tal aprendizado, se forem trabalhadas adequadamente.

Além de possibilitar o aprendizado da leitura e da escrita de forma lúdica e agradável, a literatura infantil também aguça a imaginação, prende a atenção da criança, a levando para outro

universo, contribuindo para o seu desenvolvimento afetivo, social, bem como de sua oralidade, pois o indivíduo que lê, conseqüentemente saberá se expressar melhor:

Ao ouvir histórias, a criança vai construindo seu conhecimento da linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento das marcas gráficas a produzir ou a interpretar, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos linguísticos. Ouvindo histórias, a criança aprende pela experiência a satisfação que uma história provoca; aprende a estrutura da história, passando a ter consideração pela unidade e seqüência do texto [...]. (BRITTON, apud KATO, 1997. p. 41)

No âmbito escolar, a contação de histórias, muitas vezes, ainda é vista como uma atividade de rotina para entreter, acalmar as crianças, ou como instrumento para obter uma nota, isto é, ela ainda é vista como algo obrigatório para que o professor avalie o rendimento de seu aluno. Isto acaba o afastando do prazer de ler, tirando a sua oportunidade de ter uma experiência positiva com um hábito tão necessário para uma sociedade letrada.

Não queremos negar a importância pedagógica que a literatura infantil tem para a construção do conhecimento pela criança, podendo ser utilizada como instrumento de apoio ao ensino, auxiliando na sua aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, já que transmite o conhecimento de maneira prazerosa. Entretanto, cabe ao professor buscar a maneira correta de trabalhar com a leitura de histórias em sala de aula, despertando a atenção e o prazer do aluno em realizar as tarefas solicitadas por ele.

A função do professor seria então, além de divertir a criança fazendo uso da mediação de histórias de forma lúdica, ampliar e enriquecer a visão de seu aluno sobre si mesmo e sobre a sua realidade, o seu conhecimento, a sua personalidade, sua criatividade e seu potencial cognitivo de aprendizagem.

A literatura infantil desempenha o importante papel de permitir que a criança viva momentos de leitura na escola de forma prazerosa, divertida e emocionante. De modo geral, a arte de contar histórias, é capaz de conduzir as crianças a novas maneiras de ver o mundo, pensá-lo e recriá-lo ao mesmo tempo que a ensina coisas novas, como é o exemplo da apropriação da escrita por ela, pois mesmo aqueles que ainda não sabem ler e escrever, podem despertar a vontade de se apropriar desses sistemas, ao passo que escutam o outro lhe contar uma história, uma vez que, ele descobre que é na leitura que poderá descobrir esse universo da contação, e é na escrita que poderá registrar suas próprias histórias.

A leitura desenvolve sistematicamente a linguagem do ser humano, dessa forma a influência da mediação de histórias infantis na aquisição da escrita pela criança não está relacionada apenas ao

aprendizado de marcas gráficas, mas também a expansão da linguagem, ao conhecimento de que existe um sistema de representação capaz de registrar uma história que é contada por um adulto, ou que é inventada por ela mesma. Dá-se assim, o estímulo à inteligência da criança, para que através dos conhecimentos que já adquiriu, ela possa agora revelar-se capaz de desenvolver hipóteses de escrita a partir daquilo que ela já assimilou com uma história que lhe foi contada, cultivando a memória, a atenção e interesse pela leitura.

A partir do momento que contamos uma história para uma criança, estamos facilitando a sua compreensão sobre o que é uma narrativa, oferecendo-a uma série de requisitos capazes de fazer com que ela compreenda a estrutura da escrita de uma história, contribuindo para as habilidades linguísticas em nível oral e escrito, como por exemplo os personagens, o início da história (onde o “Era uma vez” é muito usado), a sucessão dos acontecimentos e fatos ocorridos e o final da história. Assim estamos contribuindo para que a criança realize a criação de suas próprias histórias, favorecendo o processo de construção do conhecimento, desenvolvimento e aprendizagem por ela. Para Abramovich (1997):

[...] ler histórias para crianças, sempre, sempre [...]. É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento. [...]. É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) [...] e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...]. (ABRAMOVICH,1997. p. 17).

Portanto, percebe-se a necessidade da utilização de histórias infantis para oportunizar o desenvolvimento da criticidade, da imaginação e da apropriação de uma leitura que possa ser feita com prazer pela criança e que contribua para o seu aprendizado e desenvolvimento cognitivo, moral, social e afetivo, pois a literatura, além de elevar a aquisição da leitura para além da simples decodificação de fonemas e grafemas de um código linguístico, também a faz compreender aspectos convencionais do sistema que representa a escrita da língua portuguesa.

A CONSTRUÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA DAS CRIANÇAS ATENDIDAS PELO SUBPROJETO MEDIADORES DE LEITURA E TEXTO EM PROCESSO DE (AUTO) FORMAÇÃO.

Contar histórias para uma criança, à princípio, para quem não conhece sua importância, pode parecer ser uma das atividades menos importantes em sala de aula. Entretanto, ao lê para uma

criança estamos promovendo seu encontro com a leitura, pois uma mediação de histórias enriquecida com a narração de ruídos, com o movimento do corpo, com entonação na voz, imitação de gestos de personagens é capaz de despertar na criança o valor de um livro e o prazer pela leitura, desenvolvendo também sua oralidade.

Em virtude deste valioso papel que as histórias infantis desempenham na formação do aluno e futuro leitor, o PIBID do curso de pedagogia do CAMEAM/UERN, programa que concede bolsas para os alunos de licenciaturas poderem articular a teoria e prática em sua formação, e conseqüentemente construir maiores experiências a partir da atuação em escolas públicas da rede básica de ensino, atua com o subprojeto Mediadores de leitura e de textos em processo de (auto) formação, que busca incentivar a leitura dentro dos espaços escolares por meio da mediação de histórias, mediante uma série de atividades desenvolvidas com as crianças das três escolas parceiras do programa no município de Pau dos Ferros/RN.

Dada a importância da literatura infantil para os processos de aquisição da leitura e escrita pela criança, mostraremos a seguir, por meio da análise das escritas de 2 crianças do primeiro ano, como as experiências de mediação de histórias estão influenciando as crianças que são atendidas por este subprojeto na Escola Estadual José Guedes do Rêgo, uma das escolas parceiras do PIBID. As análises destas escritas se deram a partir da teoria de Ferreiro (2001), que formulou os níveis ou fases da escrita da criança. Estes são:

A fase pré- silábica em que a criança ainda não compreendeu que a escrita registra a pauta sonora daquilo que falamos, acreditando que para uma palavra ser lida ela precisa ter geralmente três letras, variando o uso dessas letras nas palavras.

Na fase silábica, a criança já desenvolveu a consciência de que a escrita registra o som das palavras que pronunciamos oralmente, passando a utilizar uma letra para representar cada sílaba.

A fase silábico-alfabética é conhecida com um período de transição na escrita, onde a criança já não acredita que se deve escrever uma letra para cada sílaba pronunciada, passando a usar mais letras para representar sua escrita.

Na fase alfabética, a criança, passa a utilizar uma letra para cada fonema e não uma letra para cada sílaba da palavra, pois já tem se apropriado do sistema de escrita, mas não está totalmente alfabetizada.

Nosso primeiro contato com a turma foi no dia 24 de fevereiro de 2016, período em que iniciara o ano letivo. Neste dia, realizamos nossa primeira coleta de escritas espontâneas das 24 crianças da turma com o objetivo de identificarmos em qual nível elas se encontravam. Algumas



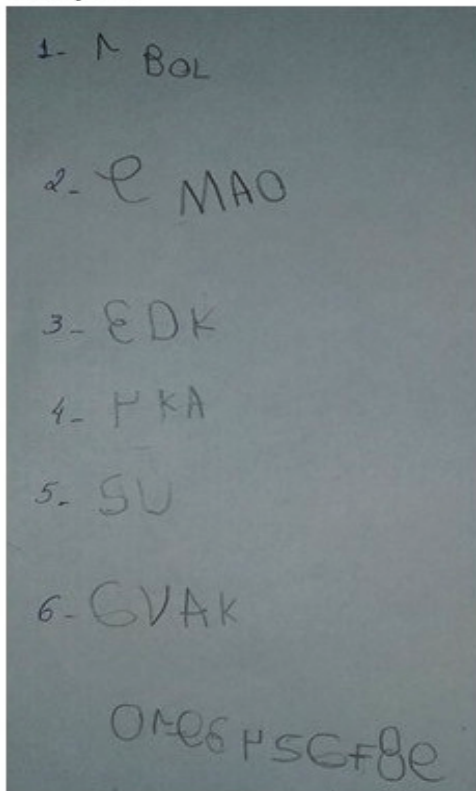
delas já chegaram a escola lendo uma variedade de palavras, enquanto que outras nem conheciam as letras do alfabeto ainda. Selecionamos assim, a escrita de 2 crianças para analisar em nossa pesquisa, das quais nomearemos com as letras G e H para preservarmos sua identidade, e conseqüentemente mostrarmos o possível avanço dessas crianças na construção desse sistema, através da influência da mediação de histórias.

Solicitamos aos alunos que escrevessem as seguintes palavras:

1. BOLA;
2. MALA;
3. GATO;
4. UVA;
5. VACA;

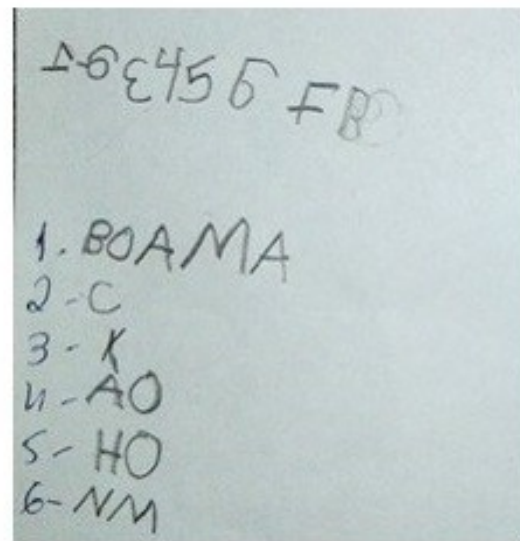
As crianças G e H escreveram da forma como mostra as figuras abaixo:

Figura 1: Primeira escrita da criança G



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Figura 2: Primeira escrita da criança H



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Podemos perceber a predominância das letras A, V e K na escrita da criança G, além da presença dos números escritos de forma invertida. Na escrita da criança H também predominou um certo número de letras que variavam entre 1, 2 e 5, bem como da escrita de números de forma invertida também. Além disso, as crianças G e H ainda não haviam compreendido que a escrita

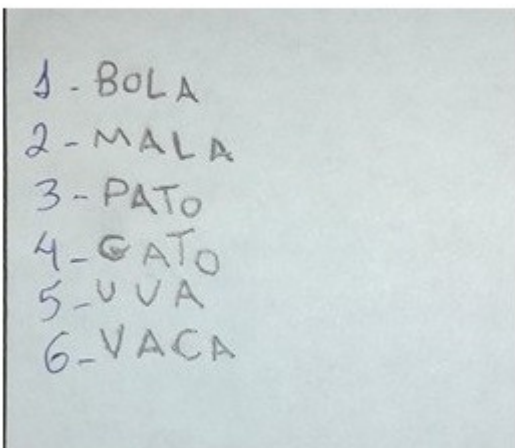


registra o som daquilo que falamos, acreditando que para que as palavras fossem escritas precisariam ter um certo número de letras.

Constatamos então, de acordo com Ferreiro (2001), que as crianças se encontravam na fase pré-silábica, pois não haviam compreendido a função da escrita ainda. No entanto, consideramos que ambas já apresentavam conhecimentos do Sistema de Escrita Alfabética, como por exemplo, o nome de cada letra; que se escreve sempre da direita para a esquerda e de cima para baixo; além de diferenciarem letras de números.

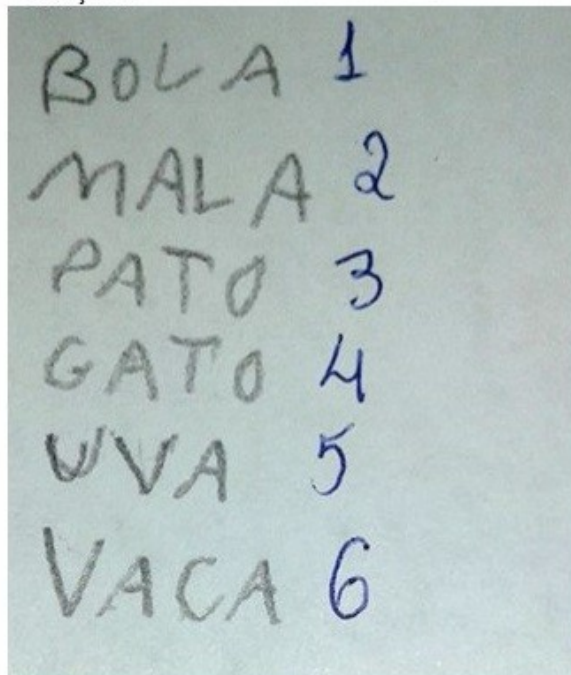
Realizamos, recentemente, no dia 9 de novembro de 2016, a coleta da segunda escrita das duas crianças, afim de encontrarmos alguma evolução em suas escritas. Solicitamos assim, que elas escrevessem, sem ajuda, as mesmas sentenças que escreveram da primeira vez, como mostram as figuras abaixo:

Figura 3: Segunda escrita da criança G



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Figura 4: Segunda escrita da criança H



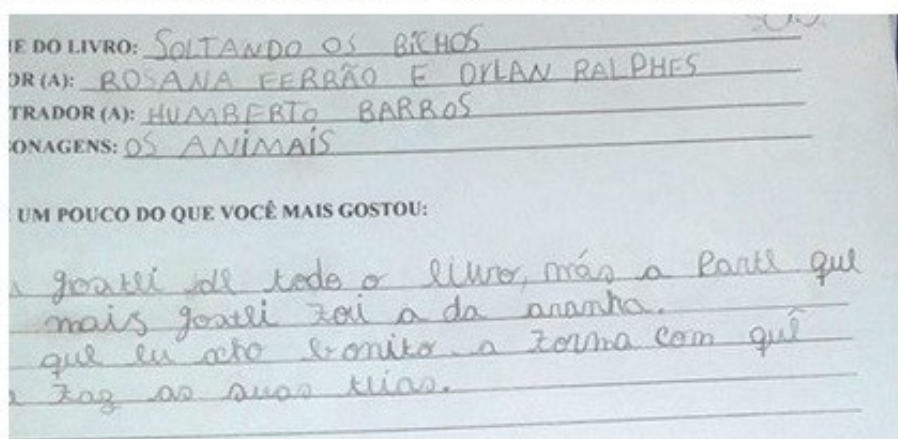
Fonte: Arquivo pessoal das autoras

A partir desta segunda análise, percebemos que houve um significativo avanço na escrita das duas crianças, pois elas escreveram as palavras corretamente, sem nenhuma dificuldade, conforme foram ditadas. Dessa forma, percebemos que ambas já se apropriaram do Sistema de Escrita Alfabética, compreendendo que a escrita registra o som da fala, encontrando-se assim, na fase alfabética a partir dos pressupostos de Ferreiro (2001).

Sabemos que o avanço na construção do Sistema de Escrita Alfabética pela criança se dá por fatores que vão, além do ensino sistematizado pelo professor, até da participação dos pais na vida escolar dos filhos, como também o interesse destes na participação em atividades de leitura e escrita. E é nesse contexto que os métodos de leituras e mediações de histórias são de extrema importância para a formação do aluno enquanto escriba de suas próprias ideias e leitor de textos de seu próprio interesse. E o subprojeto Mediadores de leitura e de textos em processo de (auto) formação, atua justamente para influenciar na formação de alunos leitores que são atendidos pelo PIBID, contribuindo para vários processos de aprendizagem como é o exemplo da aquisição da escrita pelas crianças participantes, como mostramos a partir da análise das duas escritas espontâneas.

No intuito de ampliar ainda mais os horizontes das crianças com relação a leitura de histórias, a professora supervisora do PIBID na Escola Estadual José Guedes do Rêgo teve a iniciativa de criar um momento de leitura para casa, por meio de um caderno que viaja nas casas das crianças para que elas, com a ajuda dos pais ou responsáveis, realizassem leituras e atividades sobre histórias infantis. Cada criança leva um livro diferente para ler e escrever sobre o que mais gostou no livro, incentivando assim, desde cedo, o hábito pela leitura e estimulando o desenvolvimento da escrita de pequenos textos, como os mostrados nas figuras a seguir:

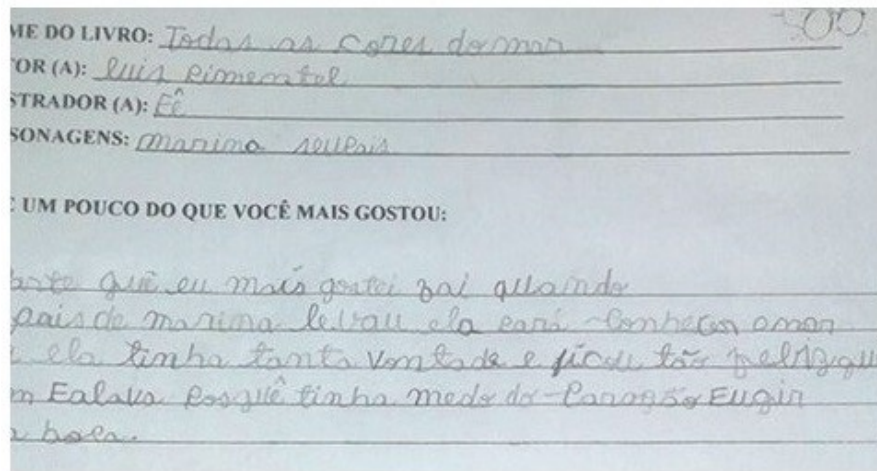
Figura 5: Produção do caderno de leitura da criança G



Fonte: Arquivo pessoal das autoras



Figura 6: Produção do caderno de leitura da criança H



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

A partir da escrita de ambas as crianças, percebemos que elas demonstram domínio dos componentes alfabéticos, pois, além de realizarem a leitura de livros, também são capazes de refletirem e se posicionarem sobre tal leitura por meio da escrita, o que caracteriza a alfabetização em consonância com o letramento. Neste sentido, as duas crianças, mesmo ainda frequentando uma sala de aula de primeiro ano, já são capazes de escrever pequenos textos, o que contribui significativamente no processo de aquisição de sua escrita, uma vez que, elas estão atuando como sujeitos ativos, construindo e reconstruindo suas próprias hipóteses de escrita, por meio da prática desta.

O trabalho com a mediação de leitura e produção de textos com as crianças dessa faixa etária, vem lhes proporcionando muitos benefícios, pois enquanto elas escrevem, estão refletindo sobre o código da língua escrita, bem como, desenvolvendo autonomia para se posicionarem a respeito daquilo que leem. Assim, na medida que escrevem, estas crianças podem ter a oportunidade de aprenderem cada vez mais noções de escrita, vão se familiarizando com os sinais de pontuação que precisarão utilizar na sua escrita, além de irem podendo conhecer palavras que, muitas vezes, podem ser novas no seu vocabulário.

Considerando que, mesmo que ao entrar num primeiro ano do ensino fundamental a maioria das crianças ainda não têm se apropriado do Sistema de Escrita Alfabética, visto que, essa habilidade acontece sistematicamente no ensino fundamental, podemos enfatizar que desde o início

da intervenção do subprojeto até o atual momento, 12 alunos já evoluíram no seu processo de aprendizagem da língua escrita nesta turma, pois conseguem escrever e ler com maior desenvoltura, algo que antes não conseguiam. Consideramos, dessa forma, a importância que a mediação e o incentivo à leitura desde os primeiros anos de ensino proporciona para o processo de desenvolvimento cognitivo da criança, considerando suas próprias hipóteses a respeito desse sistema.

Transparecendo a alegria e o prazer que a leitura provoca, o subprojeto busca, além de valorizar a aprendizagem dos estudantes de licenciatura, oferecendo oportunidades para atuarem na prática de sua futura profissão, procura também aguçar a imaginação e curiosidade dos alunos através das páginas de um bom livro, contribuindo para uma melhor aprendizagem dos alunos em relação não só a leitura e escrita, mas também a ampliação seu conhecimento sobre tal sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos, por meio da análise dos exemplos das duas escritas, que a atuação dos bolsistas juntamente com os professores supervisores do subprojeto Mediadores de leitura e de textos em processo de (auto) formação do PIBID, está incrementando a aprendizagem da escrita e da leitura, motivando os alunos a terem vontade de se apropriarem da leitura para mergulharem no universo da imaginação que tal ato proporciona.

Rever as metodologias de alfabetização, constitui-se assim, um processo de reflexão da prática por parte do professor, no entanto, isso não quer dizer que ele deixe de ensinar a escrita alfabética de forma sistematizada, mas também não quer dizer que para se ensinar a ler e a escrever, os professores necessitem recorrer aos antigos métodos de alfabetização. Partindo desse princípio, a leitura e a mediação de histórias pode constituir-se num meio bastante eficaz para que o professor desperte no aluno o interesse e a iniciativa em buscarem a leitura, proporcionando um ambiente lúdico de aprendizagem.

Portanto, enquanto bolsistas do PIBID e participantes deste subprojeto, somos cientes de sua contribuição para a aprendizagem dos alunos em vários aspectos e de sua importância para a inserção crítica e reflexiva da criança em uma sociedade letrada.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização** / Emilia Ferreiro: Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 24. ed. atualizada- São Paulo: Cortez, 2001. – (Coleção Questões de Nossa Época; v. 14).

KATO, Mary Aizawa. et al. **Estudos em alfabetização**. Campinas: Edusf/Pontes, 1997.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Como eu ensino).

ZILBERMAN, Regina. **A escola e a leitura de literatura**. In: RÖSING, Tânia; ZILBERNAM, Regina (orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.